

Greve dos vigilantes dia 17

Bancários exigem segurança



Os vigilantes do Distrito Federal entram em greve a partir das 19h de terça-feira, dia 17. A decisão da categoria foi tomada em assembléia realizada no início da noite da última quarta, dia 11, no estacionamento do Conic.

Os patrões negam atendimento a todas as reivindicações dos trabalhadores. A data-base dos vigilantes é 1º de maio e, até agora, praticamente não houve negociação. Os empresários oferecem o índice da inflação (5,9%) como reajuste e nada mais.

Entre as principais reivindicações da categoria estão reajuste de 15%, aumento do ticket-refeição de R\$ 8,20 para R\$ 12,00, melhoria do plano de saúde e implantação

de planilha mínima de custos para a prestação de serviços, na qual esteja assegurado o pagamento dos salários, o recolhimento dos encargos sociais e os demais direitos dos trabalhadores estabelecidos pela Convenção Coletiva.

A assembléia que deflagrou a greve contou com expressivo número de vigilantes e com a presença de dirigentes da CUT e de diversos sindicatos, entre os quais o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, Rodrigo Britto.

Respaldo ao movimento

O Sindicato dos Bancários de Brasília oferece total respaldo à

luta dos vigilantes. Além de ser um natural ato de solidariedade entre trabalhadores, o apoio deve-se também ao fato de que a greve repercute dentro dos bancos por implicar em completa ausência de segurança. Se a falta de garantia à integridade aos bancários e clientes já é um problema sério no dia-a-dia, a paralisação dos vigilantes, provocada pela intransigência e a irresponsabilidade dos patrões, deixa as agências sem a menor condição de funcionamento.

Durante a assembléia em que os vigilantes decidiram pela greve, o presidente do Sindicato dos Bancários, Rodrigo Britto, foi enfático: “Vamos para a porta dos bancos em apoio à luta dos companheiros e para impedir que

os bancários e a população sejam expostos a riscos ainda maiores do que os de dias normais de funcionamento das agências”.

A união dos trabalhadores na greve dos vigilantes, com envolvimento do Sindicato dos Bancários e de outras categorias dirigidas pela CUT, pega os patrões no contrapé e coloca em xeque a briga que existe entre eles para ver quem lucra mais. “A patronal está sem liderança, uns empresários querem negociar e outros recusam, a briga é pra ver quem fica com o controle do negócio. Não vamos pagar o pato por essa disputa entre patrões, exigimos negociações sérias, com atendimento às nossas reivindicações”, frisou o presidente do Sindicato dos Vigilantes, Jervalino Rodrigues.

Segurança bancária é lei

Pela Lei Federal 7.102/83, que versa sobre segurança bancária, as agências não podem funcionar sem vigilantes. Assim que começar a greve, o Sindicato dos Bancários entregará ofício aos bancos exigindo que a determinação legal seja cumprida. Será encaminhado também à Polícia Federal pedido de fiscalização e de providências em caso de eventual desrespeito à legislação.

Contra a agência que abrir sem garantia de proteção aos bancários e à população, o Sindicato abrirá boletim de ocorrência e entrará na Justiça do Trabalho com ação civil pública alegando dano moral aos trabalhadores e pedindo ressarcimento pela irresponsabilidade do empregador. As infrações serão imediatamente denunciadas à Polícia Federal.

Esses procedimentos são base-

ados na experiência da recente greve dos vigilantes de São Paulo, nos dias três e quatro de junho. Lá os banqueiros jogaram pesado contra o movimento e tiveram resposta à altura. Foram fechadas cerca de 500 agências bancárias no primeiro dia da paralisação e, no segundo, cerca de 800.

A luta foi travada na porta dos bancos e também na Justiça. A Polícia Federal notificou os banqueiros sobre a expressa proibição à abertura de agências sem vigilantes. "O funcionamento da agência em desacordo com a legislação é ilegal e qualquer ocorrência danosa em razão dessa atitude acarretará a responsabilização administrativa, civil e criminal do estabelecimento financeiro e de seu gerente", salientou em seu despacho o delegado da PF Marcelo Feres Daher.



O presidente do Sindicato, Rodrigo Brito, fala aos vigilantes do Distrito Federal durante a assembleia que definiu greve para a partir de terça-feira. O dirigente bancário lembrou que em São Paulo a luta dos trabalhadores foi travada na porta dos bancos e também na Justiça

Sindicato apóia Chapa I na eleição do Sindiserviços

Os trabalhadores sindicalizados das empresas de asseio, conservação, trabalho temporário e serviços terceirizáveis do Distrito Federal elegem nos dias 17 e 18 de junho a nova diretoria do sindicato da categoria, o Sindiserviços, para o triênio 2008/2011.

O Sindicato dos Bancários de Brasília apóia a Chapa I – Unidade na Luta, encabeçada por Isabel Caetano dos Reis.

"A Chapa I reúne de fato os candidatos aptos para representar os interesses dos trabalhadores das empresas de conservação, asseio, prestação de serviços e serviços terceirizáveis", destaca Rodrigo Britto, presidente do Sindicato dos Bancários. A Chapa I dará continuidade à luta por melhores condições de trabalho e

mais conquistas para os trabalhadores, como ocorreu na greve dos funcionários da Techno Service, que prestava serviços de limpeza ao BB, em abril passado, quando os trabalhadores cruzaram os braços pelo pagamento dos salários atrasados e dos benefícios e por contratação imediata de uma nova empresa.

As negociações entre os representantes dos empregados da Techno Service e do banco foram intermediadas pelo Sindicato dos Bancários e as reivindicações foram atendidas na íntegra.

O Sindicato também participou da greve dos trabalhadores da Probank e articulou as negociações com os patrões.

Com a Chapa I, essa união de forças estará assegurada.



Dirigentes do Sindicato dos Bancários e do Sindiserviços em negociação com o Banco do Brasil, em abril deste ano